

RE(DEMO)INHO

RAMOS, Juliana¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ramos.juliana@ymailcom

Resumo: Guimarães Rosa inaugura "Grande sertão: veredas" com a epígrafe "O Diabo na rua, no meio do redemoinho", revelando instigante temática: a interferência diabólica. O diabo, o demo, encontra-se real e literalmente “no meio do redemoinho”, da palavra “redemoinho”. Sugere-se assim que a linguagem é o nosso “daemon”, que comporta tanto o sentido negativo corrente quanto o sentido positivo de energia e ânimo. O sertão de Guimarães é grande, imenso, infinito — comprovado na primeira palavra do texto, "Nonada", e no símbolo de infinito ao final. Ele comporta tudo que tornou o homem humano, não um ser divino. O homem é selado pela perfeita imperfeição, Deus pela perfeita perfeição e o sertão é regado por imperfeições. O sertão jaz no pecado, é humano. O sertão tem em sua criação a presença do número sete, como no mundo. No entanto, são eles: gula, avareza, inveja, ira, soberba, luxúria e preguiça, insertados nos da criação divina. Tal análise foi possível em virtude da reflexão feita por Vilém Flusser, filósofo tcheco, em "A História do Diabo". Enquanto Deus tenta nos empurrar para o paraíso novamente, o Diabo nos empurra para as tensões. No entanto, para muitos, o paraíso seria um verdadeiro inferno, local de limitações, privações, onde tudo o que foi construído graças à dúvida seria rejeitado, desconstruído, na presença da certeza, que é paralisadora. Portanto, o homem não busca a certeza, mas a dúvida, porque esta é o motor da história — daí a estreita relação entre dúvida e Diabo. No reino da certeza tudo "é", sem passado e sem futuro, sem história, sem narrativa. No reino da dúvida tudo se hipotetiza, há um espírito criador que necessita considerar passado e futuro. Assim, embora se diga que se escreve para superar a dúvida, escreverei para exaltá-la. Eis aqui um elogio à dúvida e à história.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; "Grande sertão: veredas"; Filosofia; História; Religião.

O senhor tolere, isto é o sertão.

João Guimarães Rosa

O presente artigo — resultado de pesquisas bibliográficas — pretende estudar e divulgar a filosofia da ficção do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, provavelmente o pensador brasileiro mais citado e estudado fora do Brasil, em confronto com a obra de João Guimarães Rosa, interlocutor frequente do filósofo. Referência mundial na reflexão sobre os novos *media*, Flusser notabilizou-se por redigir quase todos os seus textos e livros em quatro línguas, traduzindo a si mesmo e normalmente nessa ordem: em alemão, em português, em inglês e em francês. Sua teoria da ficção afeta não apenas os estudos de literatura *stricto sensu* mas também toda a teoria do conhecimento, na medida em que, reconhecem historiadores, filósofos e cientistas, as hipóteses que se encontram na base do trabalho científico não deixam de ser elaboradas construções ficcionais. O caráter multilinguístico da sua obra e a sua condição de “cidadão do mundo” favorecem ricos diálogos interdisciplinares, interuniversitários e intercontinentais. São exatamente esses diálogos que se incrementam com a temática abordada aqui a partir de Grande Sertão: Veredas.

Como fruto de uma intensa pesquisa literária e filosófica se percebeu o quão produtivo pode se tornar o diálogo entre Filosofia e Literatura. Toda manifestação literária como que realiza reflexões filosóficas, o que não significa que apenas as ilustre. No entanto, para perceber estas reflexões e ampliá-las, é preciso dessacralizar a obra literária, no caso, a de Guimarães Rosa, como condição para estabelecer o diálogo em bases paritárias quer da filosofia com a literatura, quer do leitor iniciante com obra considerada tão monumental. Desse modo aprendemos a não nos deixarmos paralisar pelo monumento, permitindo-nos acrescentar novas perspectivas a partir de uma leitura em co-vibração, como diria Vilém Flusser.

João Guimarães Rosa, escritor mineiro, impressionava a todos com sua cultura e erudição. Ele não facilitou em nada a leitura de seu texto, exigindo um leitor duplamente atento. A escrita de Rosa se realizava de maneira quase acadêmica: ele tinha um fichário em que constavam os nomes científicos de elementos da fauna e da flora, além de dados dos costumes da região. Havia mais do que a atenta observação dos fatos ocorridos; por conseguinte, a leitura de *Grande Sertão: Veredas* é trabalhosa.

Rosa poderia ter escrito tudo de maneira mais simples, mas ele desejava que tivéssemos o mesmo anseio por penetrar o Brasil que ele teve. Então, ao ler, creio ter feito o caminho oposto ao que Guimarães Rosa fez: fui ao dicionário a cada palavra que o contexto não revelou, enquanto ele precisou pesquisar todas aquelas palavras e ainda dominá-las. O que poderia ser tão-somente local Guimarães conseguiu tornar universal ao dominar as estruturas léxicas, sintáticas e culturais e articulá-las juntamente com seu amor pela língua. Esse último fator é o que o torna único. O seu modo de narrar é incomparável; por isso, ao lê-lo, não lembro nitidamente de nenhum outro escritor, sequer de Euclides da Cunha, leitura intensa de Rosa da qual tenho ciência. Guimarães falava que, ao escrever, um léxico só não era suficiente. Percebemos em sua escrita a presença marcante de neologismos, além das palavras de pouco uso corrente, revelando-nos o seu amor pela língua e pelo conhecimento. Pela manipulação roseana da linguagem, somos seduzidos e atraídos para a realidade sertaneja.

O autor inaugura *Grande Sertão: Veredas* com a epígrafe “o diabo na rua, no meio do redemoinho”, revelando-me a temática mais instigante: a interferência diabólica. Redemoinhos são ventos em espiral formados pela convecção do ar e ocorrem em dias quentes, com baixa umidade e sem nuvens; esses fatores propiciam a elevação do ar que está logo acima do solo ao atingir determinada temperatura, o qual toma forma espiral devido à existência de um pequeno centro de baixa pressão. Redemoinhos também são conhecidos como diabos de poeira, do inglês *dust devil*, e, no folclore brasileiro, acredita-se ser o Tal vagando pelos campos. Esse não é um fenômeno exclusivo da atmosfera terrestre, há registros dele na superfície de Marte.

Aqui entendo esse fenômeno como mais do que físico: ele comporta a questão folclórica, porque dentro dele reside o Cão; o redemoinho é caos, desordem, desconstrução. Mas, como para a personagem que nos guia pela narrativa o Diabo não existe sozinho, esse redemoinho é o próprio homem que é suspenso do solo e ganha movimento pela ação do demo, o qual, da mesma maneira que está dentro do redemoinho, encontra-se também dentro do homem regulando o seu *estado preto* (ROSA, 2006, p. 8) como faz em todas as criaturas, desde homens e mulheres até crianças e pedras, como as do fundo de um poço que o tornam venenoso. O argumento para a não existência do Diabo se pauta na lei de Tomé — um dos discípulos de Jesus — “ver para crer”, não na da fé “crer sem ver”; assim, como o Capiroto nunca foi visto, conclui-se que ele não se mostrou e, se não se mostrou, é porque não existe.

Em diversos momentos do livro se questiona a existência do Diabo e, ao final, percebemos que ele existe e não existe. Para o narrador, que se casara com uma abençoável — ela rezava para que ele fosse abençoado — e caracterizava a si mesmo como zelador do bom caminho do justo e apreciador da moral, ele que nascera para ser sacerdote ou chefe de jagunços e não foi nenhum dos dois, o Diabo não possui existência própria, não perambula por aí no nada. Por outro lado, o Diabo existe no meio do turbilhão de emoções e fatos que constituem uma pessoa, ele existe dentro do homem e o torna tal como um redemoinho inconstante, desestabilizado, suspenso e indiscriminável; não se podem discriminar os elementos constituintes do homem nas esferas emocionais e espirituais, está tudo misturado como em um liquidificador, o qual reproduz o movimento de um redemoinho. Digo *como* em um liquidificador porque ele reproduz o movimento do redemoinho, deixando todos os ingredientes inseparáveis, impedindo a percepção de onde começa e termina cada um.

Mas a comparação não é perfeita, pois o homem, formado de elementos fluidos, poderia se tornar homogêneo, enquanto no redemoinho apenas pareceria ser. Cada elemento se fecha em si mesmo e toma uma dimensão de infinito percurso, como um círculo instável que se choca com outros em igual estado para gerar tensões e misturas de elementos que podem não ser da mesma natureza, como amor, ódio e inveja. Todos esses elementos se mostram na figura do ciúme — reação que comporta emoções (como dor, raiva, tristeza, inveja, medo, depressão e humilhação), pensamentos (como ressentimento, culpa, comparação com o rival, preocupação com a imagem e autocomiseração), reações físicas (como taquicardia, falta de ar, excesso de salivação ou boca seca, sudorese, aperto no peito e dores físicas) e comportamentos (como questionamento constante, busca frenética de confirmações e ações agressivas, mesmo violentas).

Percebemos tudo isso acontecendo em Riobaldo, o narrador, quando ele descobre que Diadorim sempre teve conhecimento dos planos de Medeiro Vaz em só conduzi-los até o Liso do Sussuarão. Diadorim é a grande representação da tensão existente entre os contrários que resulta na existência, pois só existe Diadorim na existência homem-mulher e só existe a relação entre Riobaldo e Diadorim porque ele intui em Diadorim a mulher e reconhece o amigo ao ver. É propriamente esse movimento que torna o homem um ser instável e mutável, sempre em mudança, caracterizável pelo verbo “demudar” — usado propositalmente no texto roseano porque alia conteúdo e forma, porque significa mudar, alterar-se, metamorfosear-se, e é formado pelo nome do que causa transformações: o “demu”. *O senhor... Mire veja: o mais importante e*

bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. (ROSA, 2006, p. 19).

Importa destacar que o Diabo, o demo, encontra-se real e literalmente “no meio do redemoinho”, ou seja, no meio da palavra “redemoinho”. Sugere-se assim que a linguagem é o nosso demo, o nosso “daemon”, que comporta tanto o sentido negativo corrente quanto o sentido positivo de energia e ânimo.

Como na Bíblia, a narrativa de *Grande Sertão: Veredas* começa com a influência demoníaca. O início da narrativa se dá com a justificativa de tiros que teriam sido ouvidos anteriormente, portanto havia mais sertão antes do ponto que se escolheu por início — por isso há a palavra *Nonada* como a primeira da narrativa, indicando existir uma infinidade de fatos anteriores não relatados. E, por que escolher esse ponto? Esse momento eleito, que se equipara ao escolhido no Gênesis, é preparatório do assunto que realmente interessa, do assunto inevitável: o demo. *Quem muito se evita, se convive.* (ROSA, 2006, p. 5).

No sertão, o Diabo é um conviva formando parte do ambiente: a influência demoníaca o transforma e, ao transformá-lo, forma-o. O sertão é tanto o diabo quanto o sertanejo é o sertão; da mesma maneira que o sertanejo só existe porque há o sertão, o sertão só existe porque há o Diabo.

Aquilo que o narrador denominou “simples universozinho” de simples e de “-inho” não tem nada. O sertão de Guimarães é grande, imenso, infinito, como se comprova na primeira palavra do texto, *Nonada*. “Nonada” é tanto o lugar do nada filosófico, “no-nada”, quanto, por extensão, o infinito inapreensível, como se vê no símbolo utilizado ao final do livro, símbolo este que, no Brasil, conhecemos primeiro relacionado à matemática. Há mais do sertão antes e depois dos eventos narrados, o livro em questão forma parte de um todo desconhecido. Ele comporta tudo o que tornou o homem humano, não um ser divino. Comporta farsa, adivinhação, ciúme, ódio, inveja, vingança, prostituição — sobretudo no sentido bíblico —, comporta negação, dúvida... O homem é selado pela perfeita imperfeição, Deus pela perfeita perfeição e o sertão é regado por imperfeições. O sertão jaz no pecado, é humano.

Criatura gente é não e questão. (ROSA, 2006, p. 33). Dito isso, acima de tudo, o que diferencia o homem de todas as outras criaturas é o poder de negar e duvidar. Portanto, o que torna o sertão humano são sobretudo essas duas habilidades: a negação e a *duvidação* (ROSA, 2006, p. 25). Tais habilidades permitem a afirmação de o sertão ser o local onde o pensamento se

forma mais forte do que o poder do lugar, uma vez que o pensar é justamente a combinação do negar e do duvidar. Semelhante constituição mostra-se comum tanto ao sertão-ambiente quanto ao sertão-narrativa, pois a escrita de Guimarães é costurada por dúvidas que se mostram desde o passado, nas questões formuladas na companhia de Compadre Quelemém, seguidor da doutrina de Cardéque, até o presente, nas dirigidas ao interlocutor esclarecido de Riobaldo, alcançando ainda o futuro, na medida em que muitas ficam sem resposta, ainda que, por vezes, aparentemente resolvidas, como tende a ocorrer com as boas questões.

O ambiente por onde o escritor nos arrasta tem em sua criação a presença do número sete, como no mundo. No entanto, também são sete os pecados capitais: gula (comer além do necessário), avareza (cobiçar bens materiais e dinheiro), inveja (desejar atributos, status, posses e habilidades de outra pessoa), ira (juntar os sentimentos de raiva, ódio e rancor), soberba (caracterizada pela falta de humildade de uma pessoa, marcando alguém que se acha auto-suficiente), luxúria (apego aos prazeres carnavais) e preguiça (aversão a qualquer tipo de trabalho ou esforço físico). Os sete pecados capitais ferem a Deus, à própria pessoa e ao próximo, como estabeleceu o papa Gregório Magno no século VI.

A análise desses sete pecados constituindo o sertão foi possível em virtude da reflexão feita por Vilém Flusser, filósofo tcheco-brasileiro, no livro *A História do Diabo*. Flusser teve Guimarães Rosa como seu frequente interlocutor e se notabilizou por redigir quase todos os seus textos e livros em quatro línguas, traduzindo a si mesmo e normalmente nessa ordem: em alemão, em português, em inglês e em francês. Ele era um cidadão do mundo, possuía um caráter universal inerente a si mesmo, como também se percebe na estética linguística do livro em análise de Guimarães Rosa. Essa observação é mais um motivo para a escolha do enfoque linguístico na questão da interferência diabólica.

Como fruto do entrelaçamento de *Grande Sertão: Veredas* e *A história do Diabo*, pode-se perceber o quão produtivo se faz o diálogo entre Filosofia e Literatura. Toda manifestação literária realiza reflexões filosóficas, o que não significa que apenas as ilustre. Para perceber estas reflexões e ampliá-las, é preciso dessacralizar a obra literária, no caso, a de Guimarães Rosa, como condição para estabelecer o diálogo em bases paritárias quer da filosofia com a literatura, quer do leitor iniciante com obra considerada tão monumental. Desse modo aprendemos a não nos deixarmos paralisar pelo monumento, permitindo-nos acrescentar novas perspectivas a partir de uma leitura em co-vibração, como diria Vilém Flusser.

Flusser torna explícita a contribuição indispensável desta personagem na concepção do que é o homem. Tudo começa com o pecado: a história da humanidade e de cada homem começa e termina com a ação de pecar. A história de um homem começa com o pecado original e termina com o castigo recebido por Adão e Eva: (dor e) morte. A história da humanidade, na versão cristã, começa efetivamente com a transgressão da ordem desse fruto *não comereis*, se o que é narrado antes revela-se tão-somente prólogo do marco inicial: comer do fruto proibido, desobedecer. O tempo começa com o Diabo e termina em Apocalipse, com o dia do juízo final, quando seremos julgados segundo as nossas obras e tudo voltará a ser atemporal.

O homem vivia no paraíso, mas a complexidade que se formou com a existência do Diabo tirou o homem de seu estado homogêneo, cheio de certezas, e o transformou em um ser heterogêneo assolado por dúvidas, empurrando-o para um caminho contrário ao do absolutamente certo. Este é o caminho diabólico, o que se contrapõe ao divino. Deus e Diabo apresentam-se como duas direções opostas para o homem do Éden.

Enquanto Deus tenta nos empurrar para o paraíso novamente, o Diabo nos empurra para as tensões. No entanto, para muitos, o paraíso seria um verdadeiro inferno, local de limitações, privações, onde tudo o que foi construído graças à dúvida seria rejeitado, desconstruído, na presença da certeza, que é paralisadora. Portanto, o homem não busca a certeza, mas a dúvida, porque esta seria o motor da história — daí a estreita relação entre dúvida e Diabo. No reino da certeza tudo é, sem passado e sem futuro, sem história, sem narrativa. No reino da dúvida tudo se hipotetiza, há um espírito criador que necessita considerar passado e futuro.

O Diabo é o contrário de Deus, o que o narrador, que se diz um sertanejo que navega mal nas altas ideias — do que discordo —, deixa claro na expressão *Deus é paciência. O contrário é o diabo*. (ROSA, 2006, p. 14) que se completa com uma outra: *o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro*. (ROSA, 2006, p. 19), a qual justifica chamar ao Diabo de Cão e justificaria chamar a Deus de Gato — sabendo-se como as pessoas dizem que gato é um bicho traiçoeiro — e, dessa forma, mais uma vez, o par está estabelecido, Diabo e Deus, mal e bem — esta última tensão mostrando-se muito forte no sertão. São tais tensões que pairam sobre o sertão, aquelas dos contrários, aquelas que afetam o sertão e o homem.

Se, por um lado, o caminho de Deus é estreito e dificultoso, por outro, o do Diabo é largo e confortável, como se comprova na vida de Aleixo: ele com facilidade tocava na banda do Diabo completa e harmoniosamente afinado, mas, depois, demudou e com dificuldade tocava na de

Deus, com desafino alegando maior felicidade, talvez porque ao se privar de muitos e grandes prazeres, ao sentir aqueles pequenos os sentia mais intensos. Para o narrador a religião serve para *desdoidar* (ROSA, 2006, p. 12)

Vilém Flusser, em *A História do Diabo*, eleva o Diabo. Retira-o do isolamento do inferno e o traz para a vida moderna. A nossa existência tal qual conhecemos apresenta-se como uma contribuição do Diabo para a sociedade. Preferiu-se a periculosidade acarretada pelo Diabo à vida — *Viver é muito perigoso...*, frase que surge em diversos momentos da narrativa — à monotonia que a constituía antes. Sem a interferência diabólica continuaríamos nus no paraíso, ainda que seguros. Nada de Internet ou ensaios críticos, nada de crítica, nada de reflexão, tudo porque a dúvida não existiria. Graças ao Diabo, duvidamos. Graças ao Diabo, existimos. Se Deus deu a matéria-prima, o Diabo deu a indústria e desde então nunca mais fomos os mesmos. Essa indústria é a dúvida, a qual se multiplica e potencializa as veredas, como no texto roseano do livro em destaque.

Com a constatação da importância do Diabo e de sua ação, percebemos como Riobaldo, uma personagem redonda — próxima do desconhecido —, torna-nos simultaneamente leitores empíricos, implícitos e ideais, uma vez que em sua narrativa considera todas as possibilidades em uma *duvidação* na qual até *a pergunta se pergunta* (ROSA, 2006, p. 99), na qual até a dúvida duvida. Chegamos à isostenia, portanto próximos da epoché, ou seja, às posturas almejadas pelos céticos antigos. A isostenia, que postula a equipolência e a equipotência das teorias, representa, no movimento da postura cética, o passo seguinte à diaphonía, ou seja, à percepção do conflito entre as teorias, que por sua vez é o passo seguinte ao primeiro dos passos, a zetésis, a saber, a própria procura, a busca interminável de uma teoria, de uma verdade. A epoché, o centro do ceticismo, o momento de suspensão do juízo, mostra-se o passo seguinte à diaphonía; ela é seguida por mais três passos até chegar à brandura, à suavidade, à praótes: a afasia, quando falamos o menos possível para fugir de asserções, a ataraxia, quando atingimos a tranquilidade intelectual, e a adiaphoria, quando assumimos a indiferença frente às oposições e contradições do mundo.

Assim, embora se diga que se escreve para se superar a dúvida, escrevi para exaltá-la. Este ensaio, bem como a filosofia, não objetiva ser útil, prestar serviço a algo, pois, ao perder a utilidade, é descartado como estes óculos cujo grau me incomoda. Não há, então, a intenção de ser um meio de propagação de verdades, antes de se constituir no local onde residem

possibilidades de interpretação, às quais podem ser inclusive contraditórias para melhor permitirem a dúvida e a contestação, como no trecho que considero expressão dessa filosofia no livro — *É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...* (ROSA, 2006, p. 9).

O fundamental não é a criação de um discurso incontestável, mas sim de um totalmente discutível, para que assim, na geração de muitas e produtivas reflexões que se multipliquem, potencialize-se o valor tanto de *Grande Sertão: Veredas* quanto de *A história do Diabo*. Por isso me cabe revelar que um princípio matemático norteou minhas escolhas: o princípio fundamental da contagem ou princípio multiplicativo, segundo o qual, se há x modos de tomar uma decisão $D1$ e há y modos de tomar uma decisão $D2$, há $x.y$ modos de tomar as decisões $D1$ e $D2$, sucessivamente. Não escolho uma ou outra alternativa, permaneço com as duas; não busco sanar as dúvidas, mas protegê-las. Por isso, na presença de $D1$ e $D2$, ao necessitar tomar uma decisão, opto por $D1$ e $D2$, alternativa que contém muitas outras incutidas em si. Igualmente, ao ter que optar entre a existência e a não existência do Diabo, permaneço com as duas possibilidades, ele existe e ele não existe, pois faço como Riobaldo, *Creio e não creio* (ROSA, 2006, p. 26), duvido, duvido de tudo com a exceção de que duvido. E, para duvidar, é preciso não escolher, considerar as possibilidades e as que delas surgem.

Eis aqui um elogio à dúvida e, por extensão, à história, a qual só foi possível com a consideração da dúvida. Na existência uníssona de certezas não se duvida, não há reflexão, não há pensamento. Na existência solitária do bem — como era no Jardim do Éden — ou do mal não há duvidar e, na ausência dessa ação, outra é inviável, a de historiar, como já foi visto. Considerando-se que nossa existência, tal qual a reconhecemos, só é possível em virtude da desconstrução das certezas sendo essa ação atribuída ao Diabo ou ao elemento humano — Riobaldo ratifica a sua opinião de não existência do Diabo, atribuindo tudo ao elemento humano, *O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano* (ROSA, 2006, p. 553) —, mas não nos esqueçamos de que o mesmo disse que, se existe o Diabo, ele não está por aí perambulando, ele vige dentro do homem. Não importa o nome que se dê ao autor, a ação necessária à desconstrução das certezas é a de duvidar. É desse raciocínio que emerge a máxima de René Descartes — fundador da filosofia moderna e pai da matemática moderna: “*dubito ergo sum, vel quod item est, cogito ergo sum*”.

Semelhante máxima poderia ser estendida a uma reflexão suscetível de se prolongar por um tempo infinito. Para tal discussão infinita, contribuo com a seguinte versão: duvido, logo, narro / conto uma história. Duvido, logo, existo. Nonada.



4. Referências Bibliográficas

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do desing e da comunicação.** Organização de Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **A história do diabo.** Revisão técnica de Gustavo Bernardo. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas.** Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Nova

¹ Juliana Ramos, mestranda de Literatura Brasileira, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Carneiro no projeto “O vampiro é o leitor”.